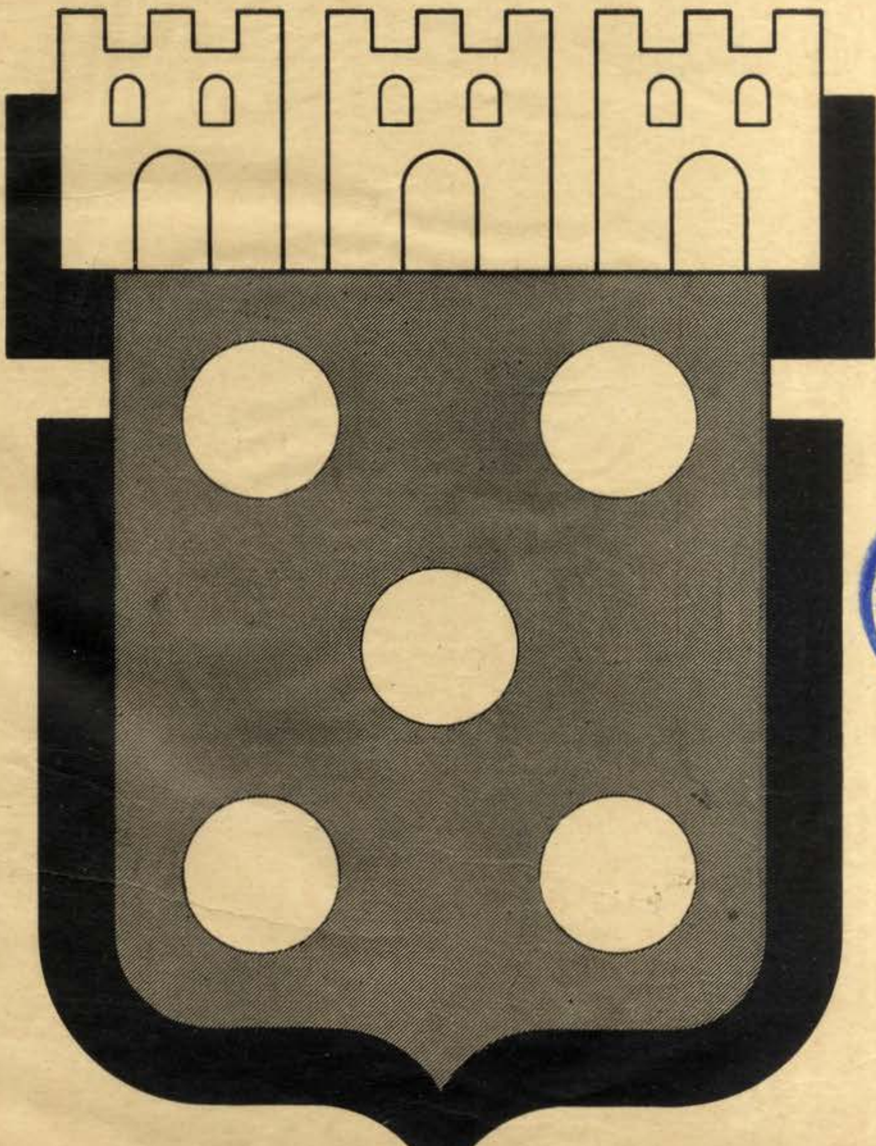
JOSHUA BENOLIEL

ARQUIVO GRÁFICO

DA VIDA PORTUGUESA

1903 1918

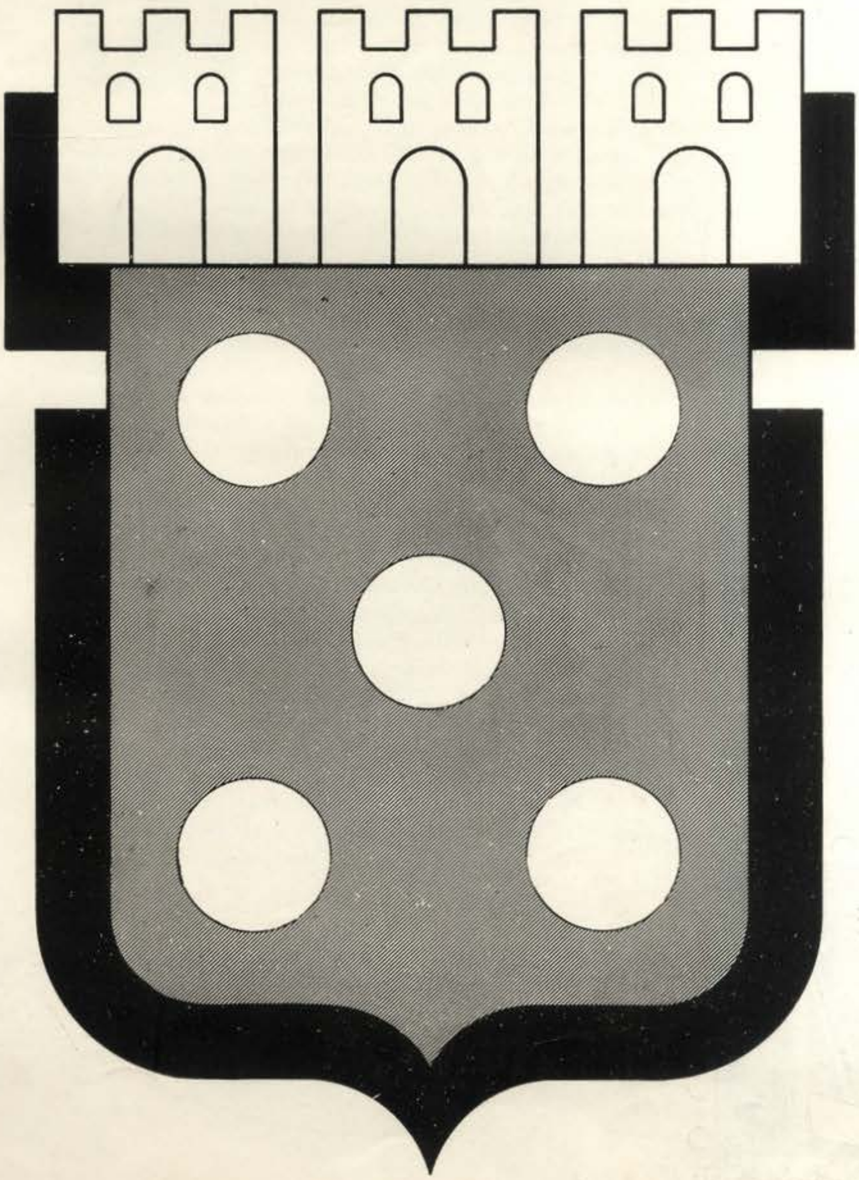


Fascículo N.º 1

JOSHUA BENOLIEL

ARQUIVO GRÁFICO DA VIDA PORTUGUESA

1903 1918



COMPOSTO
IMPRESSO
GRAVADO
BERTRAND-IRMÃOS-L.DA

PREFACIO

OS GRANDES OBJECTIVOS DUMA OBJECTIVA CELEBRE

HÁ, exactamente trinta anos, deu-se em Portugal a possibilidade de existência da primeira revista gráfica em condições, de modernas oficinas com suas máquinas, organização e pessoal. Coube-me em sorte, com a minha mocidade, já desde as escolas afeita simplesmente ao trabalho intelectual, nas gazetas, para me manter, o dirigir aquela publicação. Era preciso tratar diàriamente, com Silva Graça, proprietário de *O Século*, cuja fama de irrascibilidade e de atormentador corria pelas redacções como a de um ogre metido no seu fojo a devorar cérebros frescos. Espremia-os, explorava-lhes as circumvalações a ver se por lá ficava algum bocadito aproveitável e, depois de os sorver, desfazia-se do invólucro. Assim me pintavam o grande manejador da opinião pública, o árbitro, por vezes, da política, aquele que animava o denominado «colosso da Rua Formosa», enfim, o homem temível com o qual era impossível lidar todos os dias.

Não o conhecia. Encontrei-me diante de um indivíduo magro, de barba alourada e em bico, de olhos entre verdes e azues tão vivos, tão cintilantes, que lembram uma enxertia incrível de esmeralda e safira farolando, penetrando-nos, revolvendo-nos. Agitava-se; os nervos moviam aquele corpo que a-pesar da idade a gordura não invadira; sorria, esgarçando a bôca, aquela que devorava — segundo a lenda, os miolos dos moços jornalistas — e impunha-se pela celebridade e pela presença. Conversámos; encarregou-me de tentar a *Ilustração Portuguesa*, a de grande formato para a qual me dava elementos impossíveis, ao que vi depois, de poderem pintar a vida nacional nas suas expressões vivas. Eram estrangeiros — Calderé, catalão, muito artista mas sem focar as personagens em semelhanças; Voigt, francês, um calmo desenhador de «atelier»; Bonefoux, um boémio, barbaçudo e desageitado que tanto podia ser um monge, pelo aspecto da sua fisionomia, como um porta-machado. Desenhava sempre figurinos da *Belle Jardinière*.

Carecia-se de fotografia animada, flagrante, que interessasse. A *Ilustração* assim não caminharia.

Durante três anos lutámos. E o homem de cuja fama de excitado, de berrador, de semi-louco, de gulotão de miolos de gente nova, jàmais me atirou um berro, nunca me chamou um nome desagradável, jàmais dei porque tentasse explorar-me e saí de *O Século*, ao cabo de oito anos de estadio ali, segundo parece com os miolos íntegros, a reputação definida, tendo ganho muito na convivência de Silva Graça, que era um mestre de jornalismo moderno. Adivinhava; parecia um augure; ninguém como êle para conduzir uma questão; nenhuma sensibilidade vibrando como a sua e, mais por instinto do que por estudo, o talento é isto, o director de *O Século* vencia sempre, não recuava nunca. Nervosamente vivia; quem não tinha qualidades para entender, ràpidamente, a sua forma de sentir, fatalmente lhe desagradava mas daí a chupar-lhe os miolos ia um abismo porque, neste caso, morreria em jejum.

Criara-se-lhe aquele ambiente como sucede em relação aos que se dirigem ao Brasil seguros de encontrar, sem esfôrço, uma fortuna para a gozarem, depois, sossegadamente na sua terra. Sem trabalho coisa alguma se consegue e os mandriões, os inadaptáveis, os aventureiros sem grandeza, ao regressarem só têm voz para desacreditar as terras de Santa Cruz: as devoradoras. Por cada um dêstes, há outros que vencem e nem por isso mentem ao lembrarem o meio que lhes foi favorável.

Com Silva Graça sucedia o mesmo. Era um chefe. Sob o seu aspecto agitado, as suas, por vezes, convulsas turbações, antes do que se julgava desapêgo, egoísmo, maldade existia um grande desejo de fazer bem e uma alma cheia de afecto. Viu-o de lágrimas nos olhos diante dum jornalista tísico, que jàmais o servira, e até o combatera no *Mundo;* assisti à sua ordem ao velho Cardoso, tesoureiro de *O Século*, para lhe dar uma quantia de certa importância, e presenceei outros lances da existência daquele homem incompreendido pelos seus concidadãos em demasia invejosos para lhe perdoarem os triunfos.

Foi, pois, êle o criador do primeiro semanário ilustrado pelos processos modernos, em Portugal, depois de ter realizado a obra monumental de *O Século*.

* * *

Foi preciso mudar o formato à *Ilustração Portuguesa*. Chamou-se Carlos Malheiro Dias, nesse tempo nupciado de fresco com a glória advinda, dos seus belos livros, *O Filho das Hervas*, *Teles de Albergaria* e *Paixão de Maria do Céu*, para dirigir a revista na sua

nova fase. Juntou-se-lhe Francisco Teixeira para a direcção artística. Armando da Silva, grande temperamento de jornalista, foi para a redacção com José Sarmento, uma sensibilidade de artista ao serviço da literatura tão difícil no jornalismo. Eu fiquei como principal colaborador, sem obrigações, além da entrega do número de artigos combinados. Acabei por fazer muito mais e Silva Graça, apreciando a minha conduta, abraçava-me, sempre com amizade.

Surgiu, então, o elemento gerador do triunfo deveras notável, obtido pela segunda série da *Ilustração Portuguesa*. Era um israelita, magro, cheio de viveza, de colarinhos muito altos a esconderem-lhe o pescoço, que o tinha esgrouviado, nesse tempo; vestia bem. Falava inglês, francês e espanhol; aparecia, ali, com um ar de quem não vinha por necessidade, tendo outras fréchas no seu arco. Começara a fazer fotografia como amador. Dera-se-lhe com paixão. Carecia-se do que entre nós não existia, ainda: o *repórter-gráfico*, o artista da objectiva capaz de tôdas as temeridades, de tôdas as audácias, de todos os movimentos hábeis e de não aparecer, depois de tudo isto, com as chapas estragadas.

A vida portuguesa ia entrar num dos seus mais convulsos períodos. Chegara, também, o seu imprescindível documentador. Era aquele israelita, cheio de vivacidade, inteligente e sabedor do seu ofício e das manhas a usar para o tornar eficaz. Chamava-se Joshua Benoliel; foi meu companheiro durante seis anos porque, ao cabo de algum tempo da direcção nova, Malheiro Dias viajava ou reservava-se para os grandes artigos como só êle os sabia traçar. Armando da Silva, adoecera; José Sarmento demitira-se. Eu fiquei e nunca tive melhor tempo dentro dos jornais. Oxalá êle pudesse voltar. Joshua Benoliel sabia tudo quanto se ia passar, desde os acontecimentos da política aos dos bastidores teatrais; averiguava as horas mais próprias para os focar e lá estava, infalível como o próprio destino, sorrindo e vencendo. Assestava a máquina: sentia o homem do dia ou o assunto seu prisioneiro e mal os possuía largava de corrida, no «eléctrico» ou no automóvel, levado pelo desejo enorme, dominador insaciável e incontível de «vêr o que tinha dado». Metido na câmara escura, com o ajudante, em mangas de camisa, os olhos ardentes de curiosidade, êle nem sempre ficava satisfeito. Como todos os artistas e os homens que amam a sua profissão até ao extremo, era um descontente.

* * *

Lisboa celebrou-o como a uma das figuras ilustres. El-Rei

D. Carlos conhecera-o nas inúmeras vezes em que o fotografara e falára-lhe, dera-lhe a mão mais como artista de que na sua qualidade de soberano, facilitava-lhe as tarefas, apadrinhava-lhe as tentativas e, seguindo o exemplo do monarca, a alta roda acolhia o fotógrafo com familiaridade, convidava-o para os salões, para as festas aristocráticas, para tudo quanto lhe rendesse em publicidade tão afagadora das vaidades.

Benoliel possuia trajos para tôdas as modalidades do seu ofício; vestia a casaca como um gentilhomem e envergava uns safões como um desbastador de mato; sabia fazer o nó de um laço de cerimónia e ao mesmo tempo, dispensar a gravata. De «Kodak» em punho transformava-se. Adorando os filhos — êsses rapazes e a menina, que nunca encontro sem a ternura devida à saüdade dos meus moços anos, e quando êles eram criancinhas — parecia olvidá-los ante a necessidade de cumprir o seu dever.

É que Joshua Benoliel não era apenas um repórter fotográfico de salões e de realezas, de paradas ou de quermesses, contactava com o povo e, por vezes, em difíceis ocasiões. A sua fama de favorecido pela amizade do soberano prejudicava-o junto das classes populares, então delirantes antes do advento da República; isso, porém, incomodava-o pouco. Sabia cativar as multidões dos comícios, detendo-as, gritando-lhes:

— É para *O Século!*

Conheciam-no, aclamavam-no, ao verem-no trepado num candieiro ou no tablado dos oradores a apontar-lhes a máquina consagradora. No dia seguinte iam todos ver «se vinham no *Século*».

Diante da procissão da Senhora da Saúde, à qual assistia sempre o Infante D. Afonso, na sua qualidade de artelheiro, o israelita, vendo um trecho do cortejo religioso, que lhe serviria como poucos para uma capa da *Ilustração*, ordenou como se fôsse uma autoridade eclesiástica mas trovejando como um oficial da polícia:

— Parem lá!

Detiveram-se à sua voz; e êle, descoberto ante a imagem inadmissível na sua religião — que cumpria em todo o ritual — tirou o *cliché* e comandou de novo:

— Póde seguir!

Era sempre assim. Durante as desordens, às vezes sangrentas, do período franquista, êle aparecia; metendo-se por todos os lados, apanhava o acontecimento em tôda a sua pujança e corria «a vêr o que dava». Dêste modo êle conseguiu focar e, com objectiva de mestre, tôda a História Contemporânea a qual não é possível ilustrar sem se recorrer à sua obra nascida da fé, do saber, da audácia, do



JOSHUA BENOLIEL

amor à profissão e do talento captador que desenvolvia como um autêntico hebreu eivado de espírito da sua grei.

*
* *

Os dramas pungentes desta terra portuguesa desde as lutas das ruas à morte de El-Rei D. Carlos e do Príncipe Real, até aos destroços produzidos pela explosão das bombas; as páginas vivas da revolução republicana, a que ambos assistimos, sob o tiroteio da Rotunda e dos navios, as fases aflitivas da realeza em seus transes, representavam o epílogo das suas viagens ao estrangeiro, no séquito dos soberanos, quando tudo era pompa à sua volta, em vez de sangue e luto. Correra Portugal de lés a lés, obtendo trechos da sua paìsagem e dos seus castelos, festas, arraiais, bailados, a alegria ebrifestiva das romarias como em quadrinhos de boa arte, e logo, no seu fadário de actor que hoje incarna um príncipe, àmanhã um mendigo, êle foi obrigado, após a proclamação da República, a seguir os exércitos que marchavam contra as guerrilhas de Couceiro. Jàmais um homem de jornal teve tão difícil tarefa. A sua reputação de amigo dos reis — que nunca negou nem mesmo nos mais amargos momentos, marcando carácter — aparecia aos olhos da oficialidade adesiva como um crime que os autênticos republicanos não viam. Trilhou àsperos caminhos, sentiu-se em terríveis situações, lidou como um bravo pela sua arte e pela sua profissão e, ao regressar dos conflitos, eram curiosas de ouvir as suas observações de análise perfeita, viva, completa, como se as focasse tendo uma objectiva no cérebro.

Quando foi do 14 de Maio, revolto o bairro de Alcântara numa fúria indómita, atreveu-se até lá. Apontaram-se contra êle as espingardas, cujos possuïdores se lembravam de o ver sempre nas festas da realeza. Intemeratamente, êle, que talvez não fôsse homem para uma pugna normal, gritou:

— Venho ganhar o meu pão! Isso que estão fazendo não é justo...

Queriam obrigá-lo a partir os *clichés* para que se o movimento se perdesse não pudessem ser reconhecidos mas salvou-se e a reportagem da revolução fê-la como as outras. Depois dêstes transes, se fôsse preciso, vestia a casaca e ia fotografar uma reünião na embaixada de Inglaterra.

Nunca houvera, em Portugal, um repórter fotográfico digno dêsse nome. Foi o chefe, o animador, o rei da sua arte na junção do jornalismo. Deixou discípulos, imitadores, é certo, mas nenhum,

embora alguns possuam um grande valor, até hoje o excedeu. Tinha como lema o seguinte: Primeiro o seu jornal. Amava *O Século*, bemqueria-o, dedicava-se-lhe como a um lar onde encontrasse tôdas as satisfações do seu afecto e do seu orgulho. Arvorava uma divisa: «Mais vale um bom *cliché* de que um óptimo artigo!».

Depois de realizar o seu trabalho, de saber com quanto podia contar do acontecimento, não era avarento das provas. Deixava aos colegas, que falhavam, as de menos importância como um leão caçando numa floresta concede os restos aos outros animais de menor fôrça e destreza.

Ao atravessar as ruas, apontavam-no:

— Lá vai o Benoliel!

Ia, farejava, parecendo tratar de um assunto tinha em mira o caso do dia, o da sua reportagem. Dava-se-lhe; vivia dela e para ela. Jàmais foi necessário indicar-lhe um serviço. Êle é que os dirigia gerando o pasmo dos próprios redactores.

Sem a sua presença não havia acontecimento de tomo na vida lisboeta.

* * *

Por isso de tudo existe na sua galeria, desde as festas às tragédias da realeza, até às lutas e aos júbilos populares, desde as touradas famosas às alegres romarias, desde as procissões cheias de pompa ao desfile dos cortejos cívicos, e, com êstes, os retratos flagrantes das personagens ilustres por um dia ou para sempre que a sua objetciva focou. Nem uma só falha, nem uma figura de qualquer meio tendo importância, ficou fora do seu álbum. Sabia conseguir o que os outros não obtinham. Era um singular repórter gráfico usando das traças, das habilidades necessárias para o seu triunfo.

João Chagas, panfletário e revolucionário ilustre, estava prêso no quartel dos Paulistas quando das mortes de El-Rei D. Carlos e do Príncipe Real. Ao ser-lhe dada de surpresa a ordem de soltura, o elegante homem de letras, saíra do cárcere e subindo a calçada do Combro encontrara a saüdá-lo apenas o Benoliel. Por acaso — sabe-se lá se foi acaso! — largara do *Século* e deparando com êle já distante do quartel, tais coisas lhe disse que o levou, a-pesar de tôda a ansiedade natural de ir vêr a família, a regressar até à porta do edifício fotografando-o como se de lá saisse naquele momento. Eis o homem de acção e de mérito que êle foi e porque tais qualidades possuía é hoje possível apresentar neste *Arquivo Gráfico*, que é filho da sua objectiva, quási vinte anos da vida portuguesa em tôdas as suas manifestações, e rememoriar em horas tão distantes as que

decorreram e já pertencentes à história que aqueles *clichés* focaram, e reproduziram para os vindouros. Silva Graça, como Vilmessant, o grande fundador do *Figaro*, imitava muito bem êste jornalista, a quem preguntavam:

— Como fazes o *Figaro?*

— Pensando sempre, sempre, nele!

Joshua Benoliel fêz do mesmo modo o seu caminho, e lidando sempre, sempre, legou esta obra, na qual a sua máquina, assestada pela sua inteligência, realizou o que, raramente, um artista póde conceber: embréchar com tragédia a farça, com o drama o vulgar decorrer da vida, enfim todos os *tudos e os nadas* que evocam e comentam a existência de um povo em determinado período da sua transformação.

Eis o que êle fêz; eis o que se vai vêr, eis o que aí fica nessas páginas que sendo de História já são saüdade.

ROCHA MARTINS

OS ULTIMOS ANOS DE UM REINADO

1ª PARTE

I CAPITULO

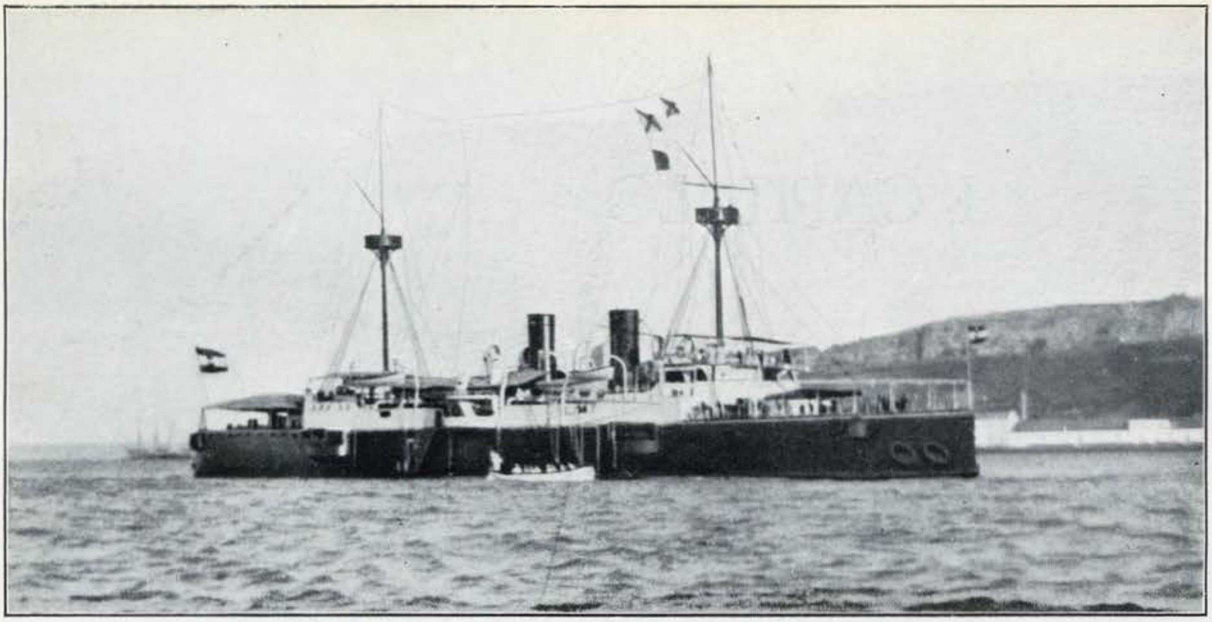
A VIAGEM DOS CHEFES DE ESTADO A PORTUGAL

AFONSO XIII

No dia 9 de Dezembro de 1903 desembarcou na estação do Rossio, por entre fardas agaloadas e as continências do protocolo, Afonso XIII, Rei de Espanha, que vinha de visita à côrte de Portugal.

Foi dia de regosijo na capital, onde o soberano do país vizinho foi aclamadíssimo pela população, marcando a sua estadia entre nós por uma série de festas que ficaram assinaladas na vida da côrte e na vida mundana.

Hospedou-se o régio visitante no Palácio da Ajuda, das vestutas muralhas do Castelo de S. Jorge disfrutou o panorama da cidade, esteve no Museu de Artelharia, condecorou, a bordo do cruzador espanhol *Carlos V* o Presidente do Conselho, Hintze Ribeiro, realizou ainda outras visitas, e depois partiu para Vila Viçosa onde se realizou uma grande caçada em sua honra, saindo no dia 13 da vila brigantina para o seu país, — por entre as homenagens das individualidades da côrte e as aclamações populares.



Viagem de Afonso XIII a Lisboa

O cruzador *Carlos V*, da Armada Real Espanhola, que veio ao Tejo prestar as homenagens ao régio visitante, e a bordo do qual, por Afonso XIII, foi condecorado Hintze Ribeiro com a nobre Ordem do Tosão de Ouro.



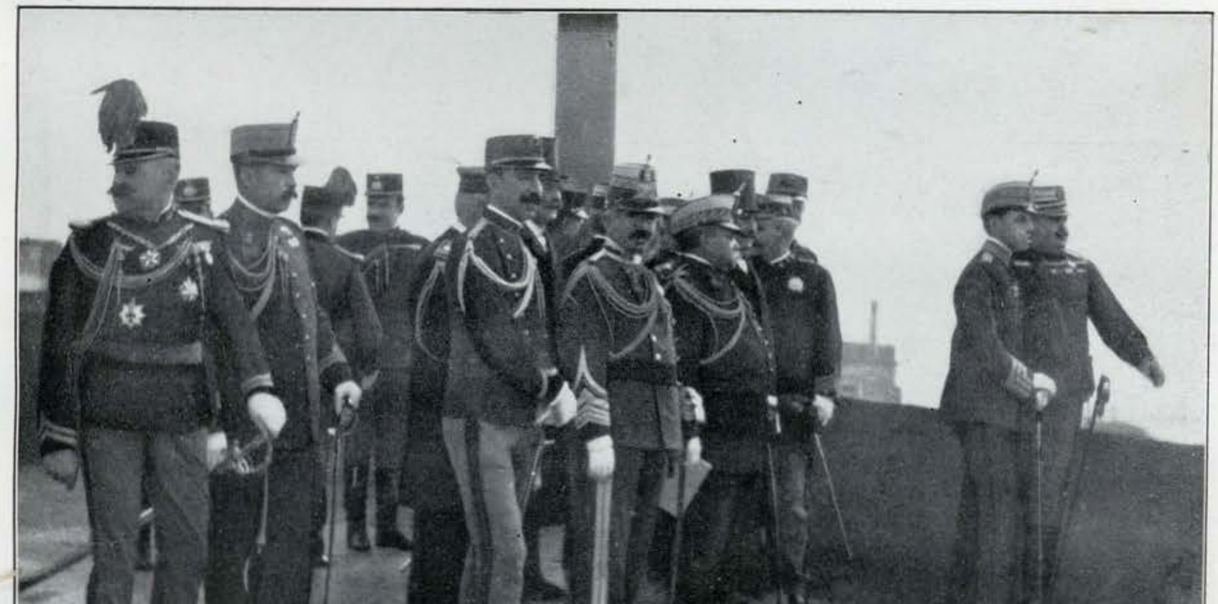
Chegada de Afonso XIII a Lisboa

O pavilhão armado no Jardim de Santos, de onde algumas altas individualidades assistiram à passagem do cortejo real.



Afonso XIII no Castelo de S. Jorge

Afonso XIII acompanhado por D. Carlos e a sua Casa Militar, passam revista à guarda de honra à sua chegada ao Castelo de S. Jorge.



Afonso XIII e D. Carlos, acompanhados pelas respectivas Casas Militares, admiram da explanada do Castelo de S. Jorge, o magnífico panorama da cidade.



A caminho de Vila Viçosa

Aguardando o vapor que os conduzirá ao Barreiro, a caminho de Vila Viçosa, Afonso XIII de Espanha troca breves impressões com D. Carlos I de Portugal. Entre outras individualidades destacam-se os srs. Wenceslau de Lima, D. Fernando de Serpa, etc.



Na estação do Barreiro, Afonso XIII conduz a Rainha D. Amélia de Portugal ao combóio que levará a Vila Viçosa os régios personagens.

Arquivo Gráfico



Arquivo Grafico

Afonso XIII em Vila Viçosa

D. Carlos e D. Amélia com os convidados à caçada que se realizou na Tapada de Vila-Viçosa em honra de D. Afonso XIII.



Caçada régia

Durante a caçada de Vila Viçosa, D. Carlos I troca impressões com Afonso XIII e o Príncipe D. Luiz Filipe.



Afonso XIII em Vila Viçosa

Após a movimentada e produtiva caçada de Vila Viçosa, Afonso XIII junto de algumas das peças abatidas



No regresso a Espanha

A entrada do Palácio de Vila Viçosa, no dia 13 de Dezembro de 1903, no momento em que Afonso XIII ia deixar o país. D. Carlos, entre portas despede-se do ilustre visitante, vendo-se na carruagem o régio visitante e o Conde Sabugosa.

EDUARDO VII

A visita de Eduardo VII a Portugal, em Abril de 1903, marca um dos mais brilhantes períodos da história portuguesa. Recebido festivamente pela população e pela «elite» do país, a visita do soberano inglês ao nosso país foi a primeira duma série de visitas de chefes de Estado a Portugal, que delas muito beneficiou, e que bastante contribuiu para desanuviar o encapelado mar da política internacional de então, pois que se deve à acção diplomática, nesse momento desenvolvida pelo nosso país, o não ter eclodido nesse momento a Guerra que alguns anos depois ensangüentou o Mundo.

O período brilhante da nossa história foi iniciado com a visita oficial do Rei Eduardo VII, — o soberano da nossa fiel e secular aliada.

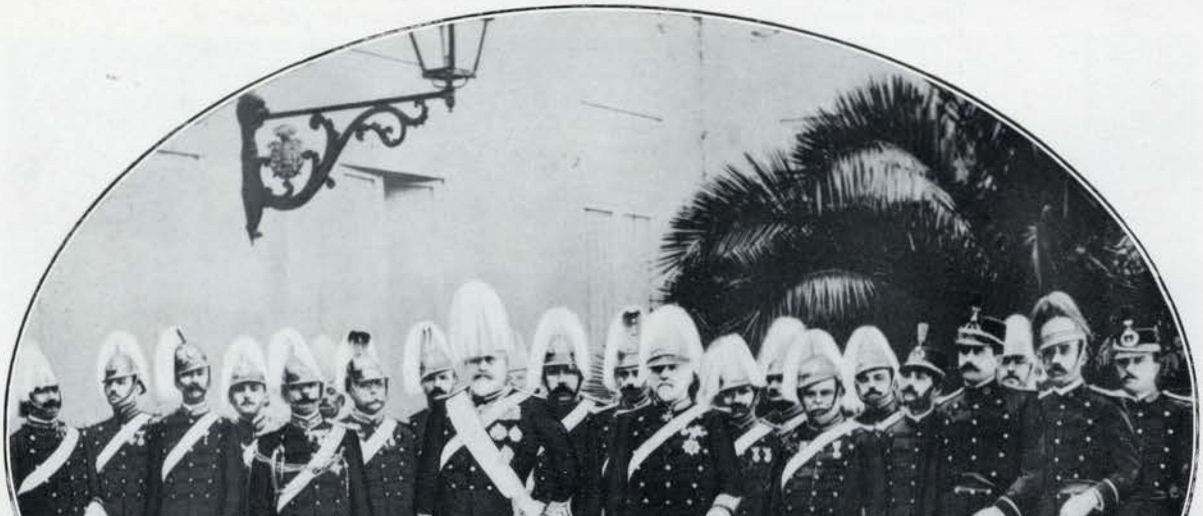




A chegada de Eduardo VII

O Presidente do Municipio de Lisboa com o estandarte da cidade.

O sr. Costa Pinto, Director da Casa Pia de Lisboa, e outras individualidades.



O Rei Eduardo VII com a oficialidade de cavalaria 3, de que era coronel honorário.



Arquivo Grafico

Eduardo VII

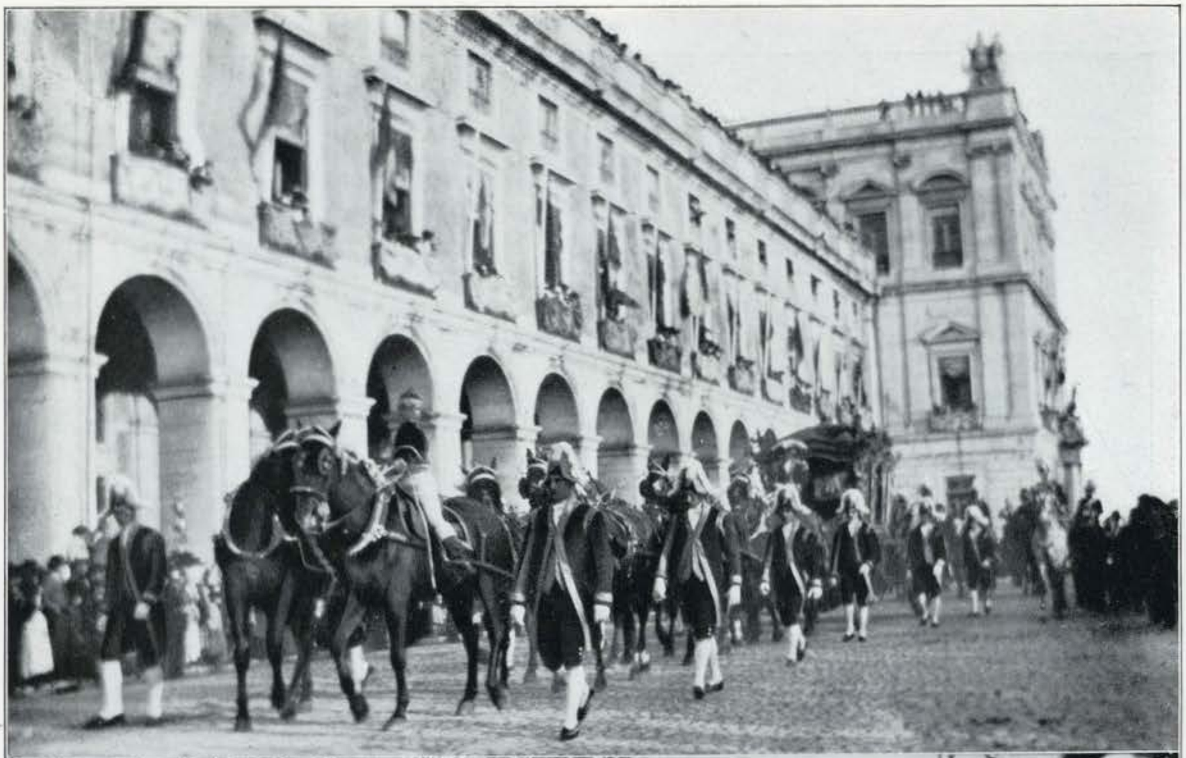
S. M. o Rei de Inglaterra, fardado de coronel honorário de Cavalaria 3

Arquivo Gráfico



A visita de Eduardo VII

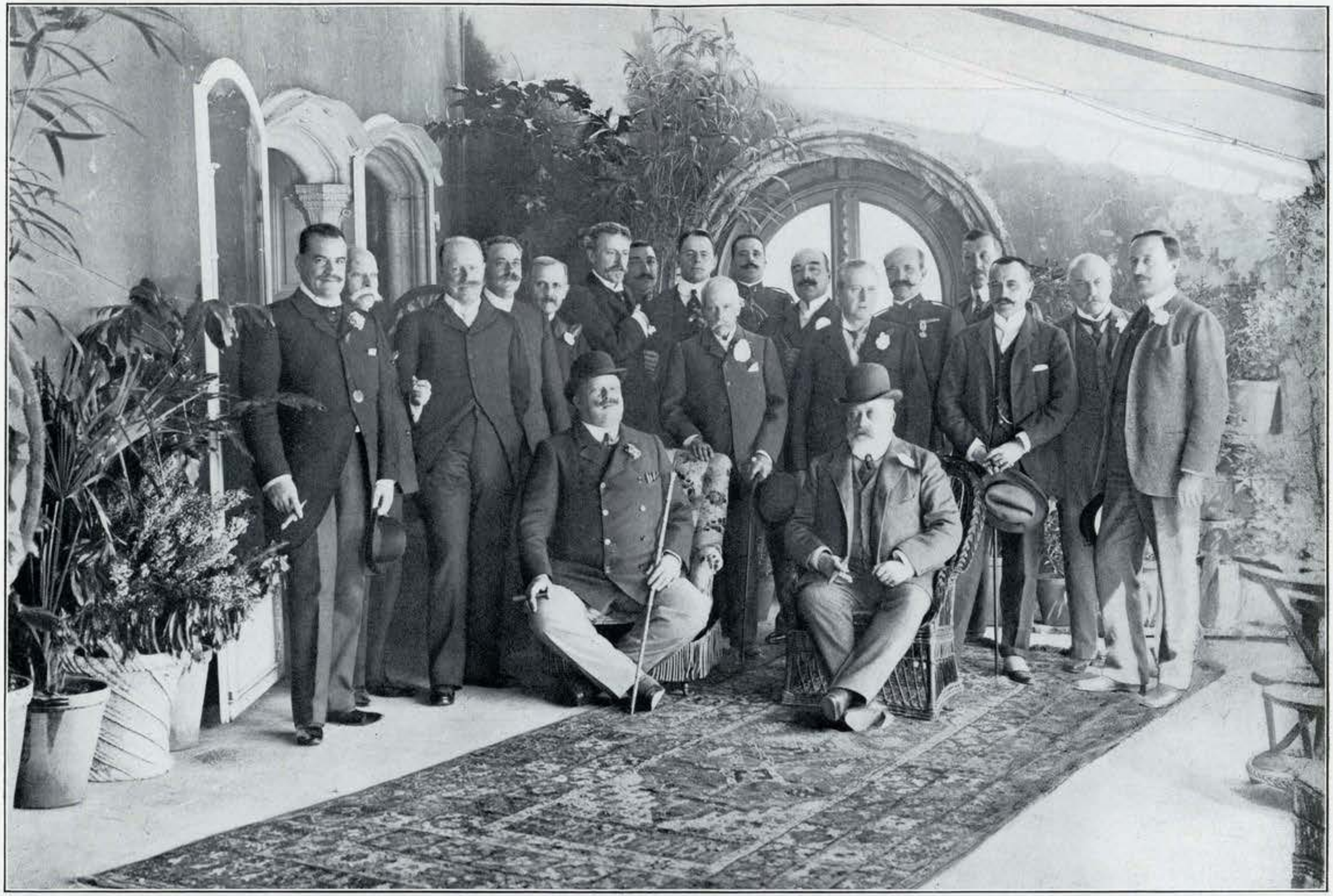
O Rei Eduardo VII, após a sua chegada a Lisboa, no torreão do Terreiro do Paço, depois de receber os cumprimentos oficiais, recebe as aclamações da população





Eduardo VII em Lisboa

Dois aspectos do cortejo real, no dia da chegada de Eduardo VII, vendo-se os coches que conduziam o Rei de Inglaterra e a sua comitiva.



Eduardo VII em Sintra

No Palácio Real da Pena, os soberanos de Inglaterra e de Portugal, depois do almôço ali oferecido ao régio visitante, rodeados por alguns dignitários das duas côrtes



Eduardo VII na sua visita a Sintra

Eduardo VII de Inglaterra, D. Carlos I de Portugal e o Infante D. Afonso, passeando no Parque do Palácio da Pena

L O U B E T

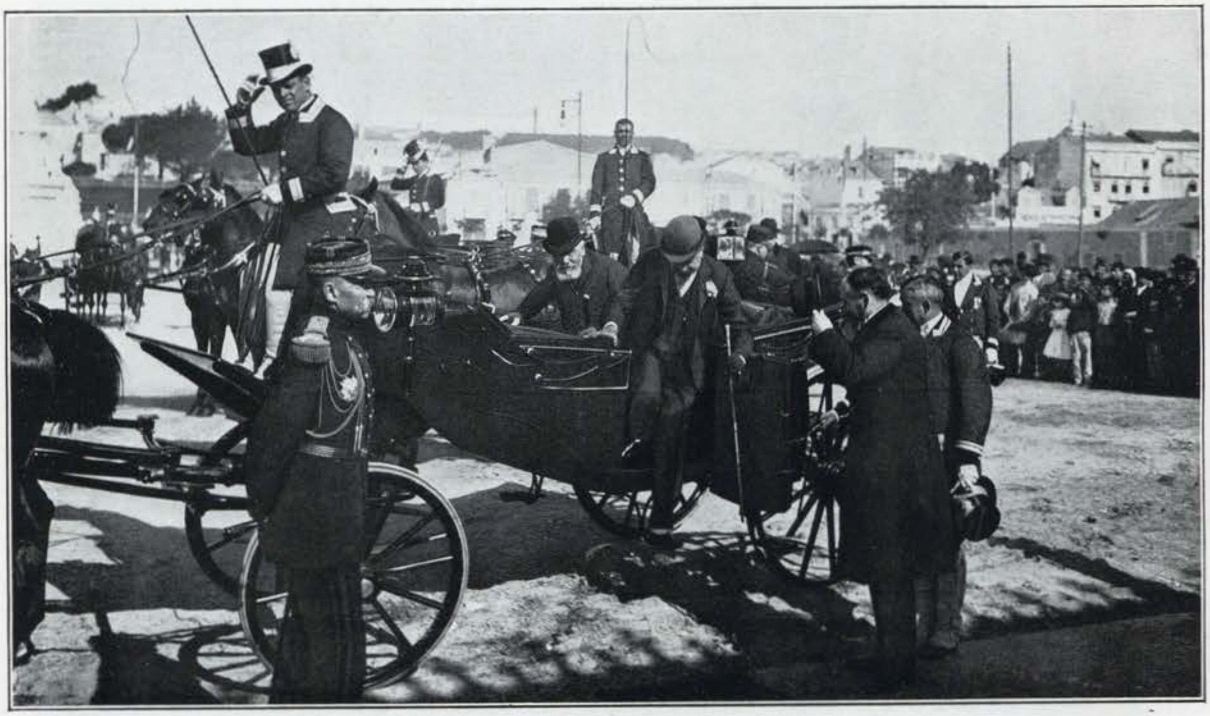
Em Outubro de 1905 visitou Portugal o Presidente Loubet, da República Francesa. Chegado no dia 27 daquele mês e ano, assistiu a várias festas na côrte e realizou diversas visitas, esteve em Sintra a 28 deixando no dia seguinte o nosso país — encantado e saüdoso —, êle o disse aos jornalistas que no regresso à sua Pátria o entrevistaram.

Foram três dias em que a população da capital, no meio das festas populares e nos intervalos das contínuas festas da côrte, se não cansou de vitoriar o ilustre visitante e de aclamar a República Francesa, aclamações de que comparticiparam em larga escala os tripulantes do *Jean Jorge*, da Marinha de Guerra francesa, — que ao Tejo viera para prestar honras ao Chefe de Estado do seu país.



O Presidente Loubet em Lisboa

O Presidente Loubet e D. Carlos no côche «D. João V», a caminho do Paço Real de Belém

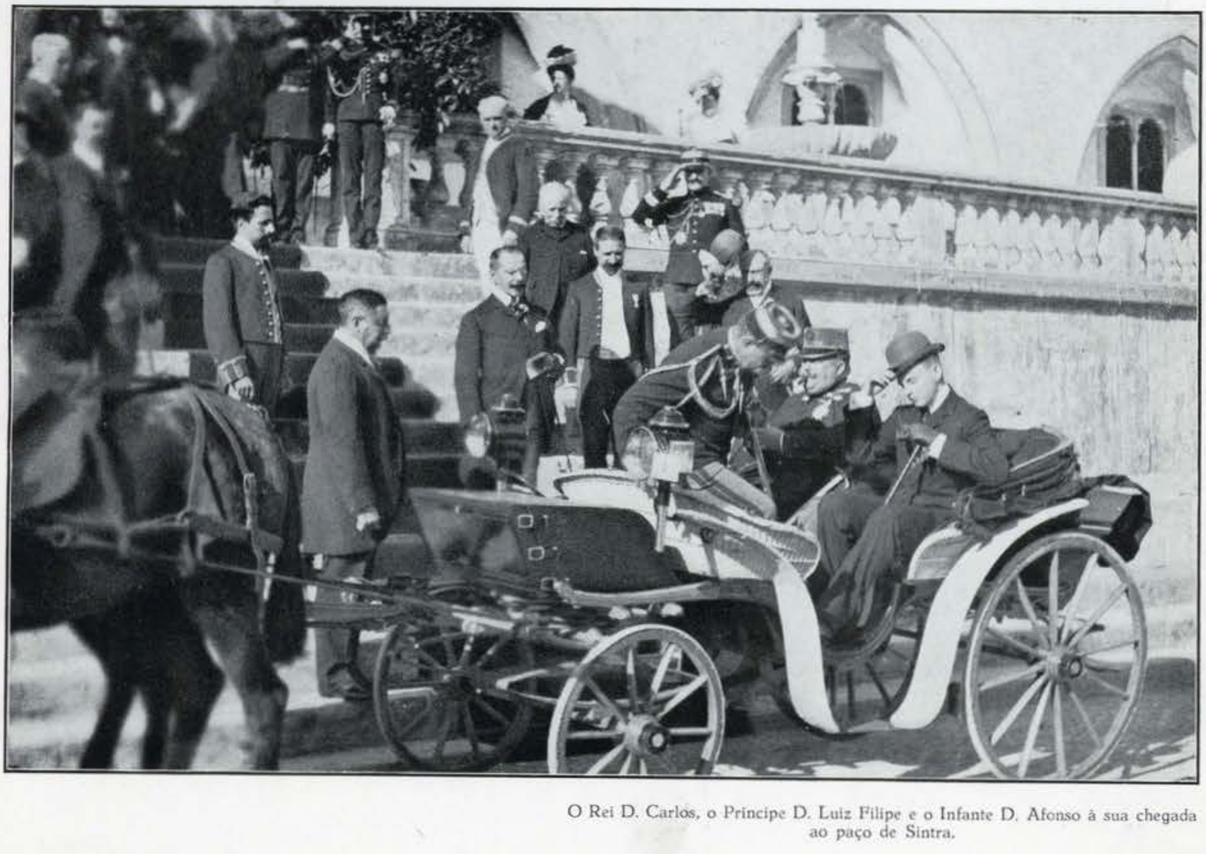


Na estação do caminho de ferro de Belém, o presidente Loubet e o Marquês de Soveral, no momento do embarque para Sintra



O presidente Loubet em Sintra

O Presidente Loubet, conduzindo pelo braço a Rainha D. Amélia, acompanhados pelo Rei D. Carlos e pelo Príncipe D. Luiz Filipe, no dia 28 de Outubro de 1905, no Paço Real de Sintra.

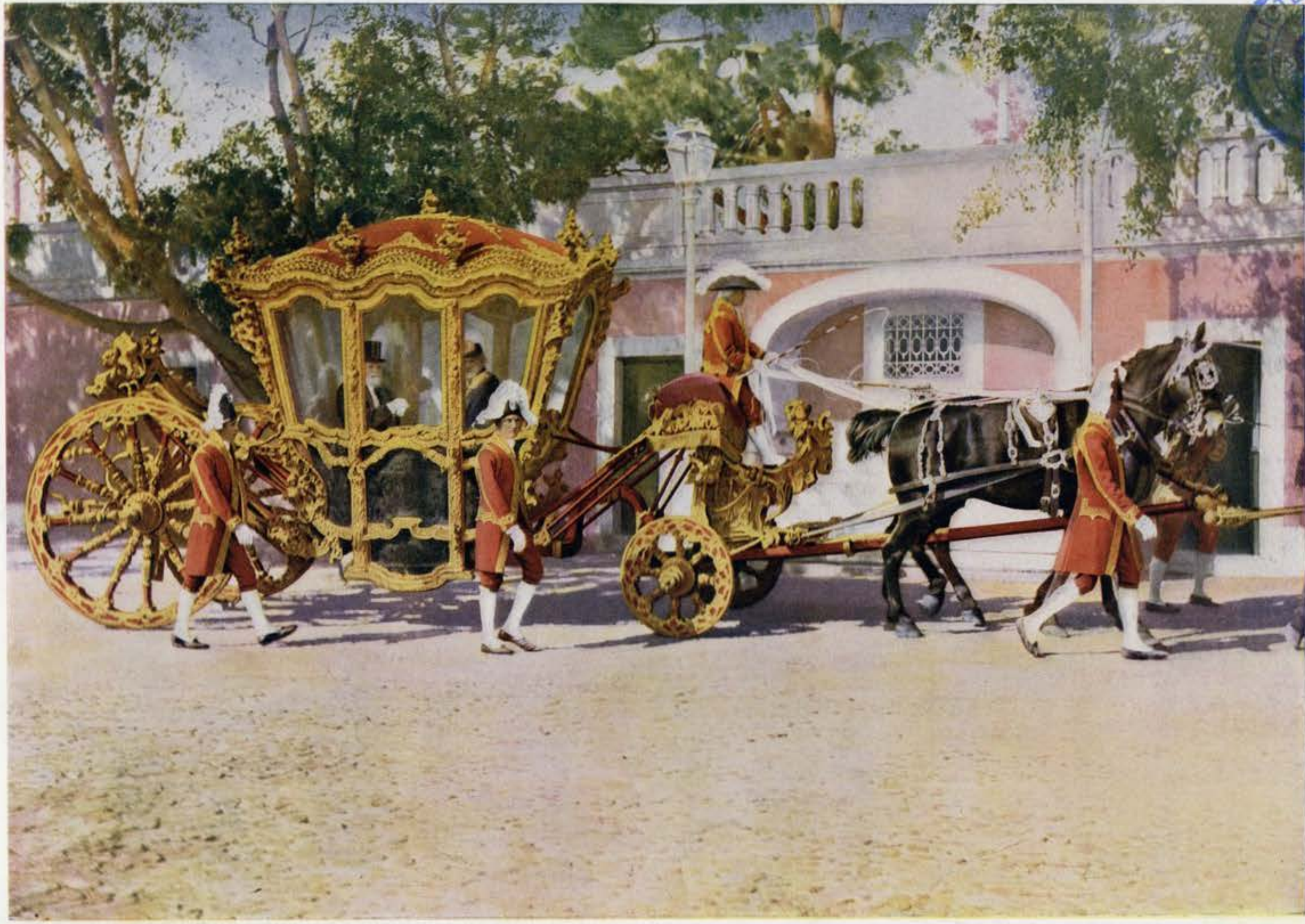


O Rei D. Carlos, o Príncipe D. Luiz Filipe e o Infante D. Afonso à sua chegada ao paço de Sintra.



O Presidente Loubet em Sintra

Grupo tirado no dia 28 de Outubro de 1905 no Palácio Real de Sintra, vendo-se o Presidente Loubet, Rainha D. Amélia, El-Rei D. Carlos, Infante D. Afonso e o Principe D. Luiz Filipe



Arquivo Gráfico

O Presidente Loubet em Lisboa

A chegada ao paço de Belém do coche D. João V, conduzindo o presidente Loubet, D. Carlos e o Infante D. Afonso



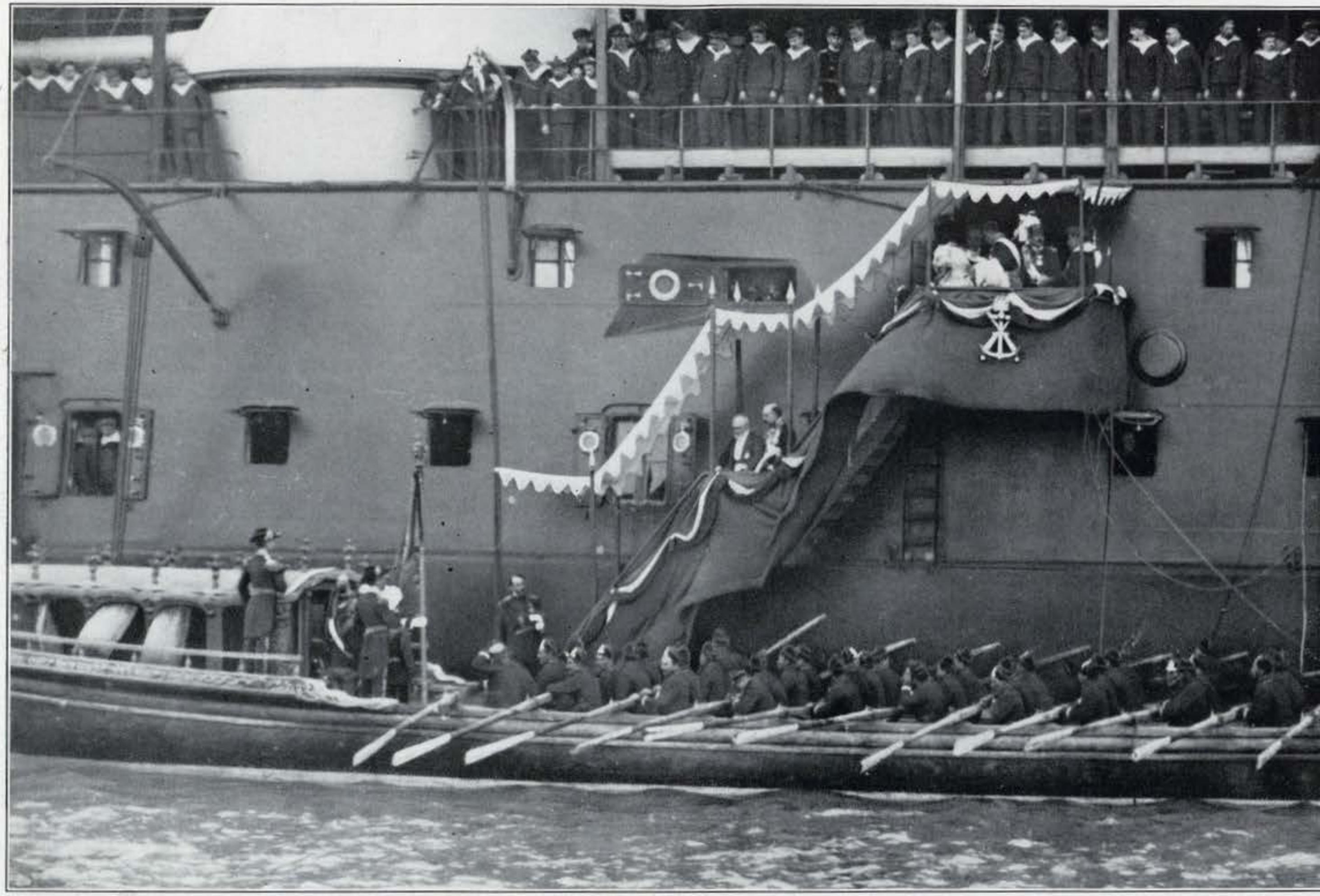
O almôço oferecido pelos Reis de Portugal a Loubet

Depois do almôço, em Sintra, oferecido pelos Reis de Portugal ao Presidente da República Francesa. No primeiro plano vêem-se D. Afonso, o Presidente Loubet, a Rainha D. Amélia e o Rei D. Carlos.



A partida do Presidente Loubet

No Terreiro do Paço, o presidente Loubet embarcando no brigantim real que o conduzirá a bordo do cruzador *Jean Jorge*, da Marinha de Guerra Francesa, que o transportou a Marselha. No brigantim vêem-se, também, a Rainha D. Amélia, o Rei D. Carlos e o Principe D. Luiz



O Presidente Loubet a caminho da França

O Presidente Loubet despedindo-se da Familia Real ao portaló do cruzador *Jean Jorge*.



AS FESTAS POPULARES EM HONRA DO PRESIDENTE LOUBET



Durante três dias — de 27 a 29 de Outubro de 1905 — realizaram-se em Lisboa interessantes e magníficas festas em honra de Loubet, Presidente da República Francesa, que visitou o nosso país onde foi



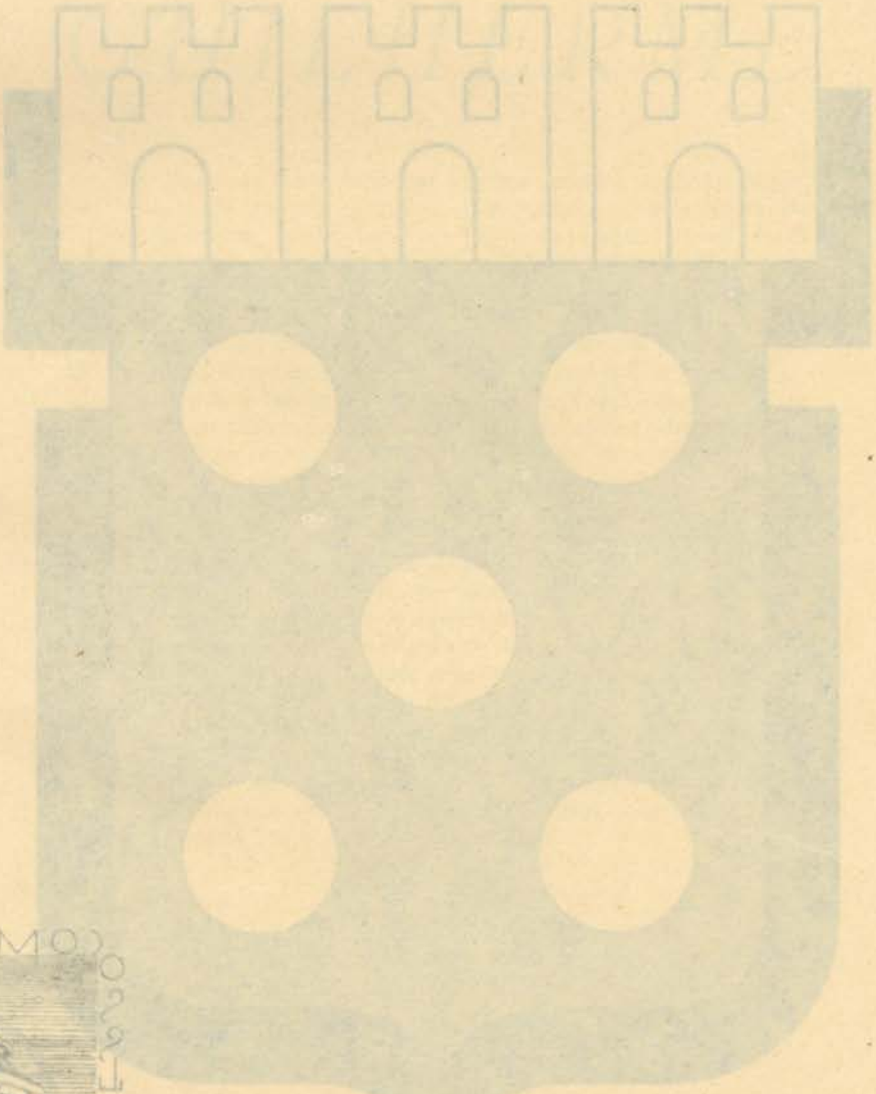
extraordinàriamente aclamado.

Nêsses três dias em que não tiveram conta as festas, visitas e excursões, organizadas pelas entidades oficiais e pelas altas personalidades do Paço, realizaram-se também festejos populares, sendo para o efeito artisticamente decoradas algumas das ruas da cidade.

Nesta página publicamos fotografias das decorações das Ruas da Prata, do Ouro e R. Nova do Carmo — onde nos arcos e em dísticos estavam escritas frases de afectuosas saüdações ao ilustre visitante.

ARQUIVO GRÁFICO DA VIDA PORTUGUESA

1903 1918





Fascículo N.º 2



AS FESTAS POPULARES EM HONRA DO PRESIDENTE LOUBET



Durante três dias — de 27 a 29 de Outubro de 1905 — realizaram-se em Lisboa extraordinárias e brilhantes festas em honra de Loubet, Presidente da República Francesa, que visitou o nosso país nesse [illegible]



[illegible] agitados.

Nesses três dias em que não faltaram [illegible] visitas e excursões, organizadas pelas entidades oficiais e pelas altas personalidades do Paço, realizaram-se também festejos populares [illegible]